

MESTRADO EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS SEGUNDA E ESTRANGEIRA

**A identidade moçambicana, o impacto da guerra civil, e a importância dos contos orais
nas obras de Mia Couto *Terra Sonâmbula* e *Cada homem é uma Raça***

Orientadora : Professora Doutora ANA MARIA MARTINHO

Aluno: Mamadou Samba Seydi

Número de aluno: 55726

Índice:

Agradecimentos - p. 3

Resumo - p. 4

Introdução - p. 5

Primeira Parte

1.1. Breve história da Literatura moçambicana - p. 9

1.2. A constituição e formação da população moçambicana ao longo das épocas - **p. 12**

1.3. O enquadramento da chegada dos portugueses a Moçambique - **p. 13**

1.4. A Guerra Civil entre 1976 e 1992 - **p. 16**

Segunda parte

2.1. A importância dos contos nas obras de Mia Couto Terra Sonâmbula e Cada Homem é uma Raça - **p. 20**

2.2. A análise da escrita de Couto e o destaque do sonho na *Terra Sonâmbula* - **p. 37**

Conclusão - p. 50

Webgrafia e Referências Bibliográficas - p. 52

Anexos - p. 56

Agradecimentos

Agradeço muito à minha professora e orientadora Professora Ana Maria Martinho com as suas aulas no meu primeiro ano do mestrado, mas também com a sua disponibilidade ao longo deste trabalho.

Agradeço também aos meus pais que vivem no Senegal, aos meus colegas de mestrado e a todos os funcionários da biblioteca municipal em QUELUZ que me ajudaram nas minhas pesquisas.

Resumo

Terra Sonâmbula é uma das obras mais destacadas do autor moçambicano Mia Couto. Neste trabalho vamos tentar enquadrar o contexto histórico da publicação do romance e analisar o tema dos contos nesta obra e também na sua outra obra *Cada Homem é uma raça*. As palavras que nos chamam mais a atenção nas duas obras são: identidade, sonho, memória, contos, morte, tristeza. Tentaremos interpretar as intenções do autor ao usar uma linguagem tão específica mas muito comum em autores africanos.

Palavras chave: Mia Couto, identidade, memória, contos, sonhos

Abstract

Terra Sonâmbula is one of the most outstanding works of Mozambican author Mia Couto. In this work we will try to frame the historical context of the novel and to analyze the themes of the tales in this book, and also to refer to his other work *Cada Homem é uma raça*. The words that call more attention to us in both works are identity, dream, memory, tales, death, sadness. We will try to interpret the intentions of the author as he uses such a specific language which is very common in African authors.

Key words: Mia Couto, Identity, memory, tales, dreams

Introdução

Moçambique se situa na zona sudeste do continente africano e faz fronteira com África do Sul, Suazilândia, Zâmbia, Tanzânia, Maláui e Zimbábue. O território sofreu várias ocupações durante séculos devido à sua boa localização geográfica.

Assim, podemos dizer que os portugueses apesar de permanecerem lá durante séculos e de serem os que mais deixaram as suas marcas na cultura, na história, e na vida social dos moçambicanos, mas não foram os primeiros ocupantes. De facto, todos os que ali estavam antes da chegada dos portugueses estavam à procura de uma melhor vida, de um desenvolvimento económico. Como veremos no corpo do trabalho, o primeiro motivo da invasão (com os primeiros missionários) portuguesa nesta área era para “civilizar” os nativos e para os converter à religião Cristã. No entanto, durante esta ocupação a opressão dos negros tornou-se uma actividade no dia-a-dia em Moçambique. Depois da abolição da escravidão, tomou lugar o colonialismo que também é um sistema onde muitas vezes o colonizado é explorado em todos os aspectos. Este sistema permaneceu até à independência em 1975.

Se hoje em dia Moçambique pode ser considerado como um país “estável”, esse ponto de vista era inimaginável há três décadas.

Nascido em Moçambique durante o período da colonização, precisamente em 1955, Mia Couto usa na sua escrita um ponto de interacção, onde os leitores compreendem a idiossincrasia dos narradores e das personagens. Ele é um grande contador de histórias. Este trabalho será dividido em duas grandes partes. Na primeira parte vamos abordar brevemente as questões da literatura moçambicana, a origem da população, o período da ocupação portuguesa e a guerra civil que ocorreu a seguir à independência. Na segunda parte vamos abordar o papel dos contos não só na

literatura em Moçambique mas também em outros países africanos. Falaremos também sobre *Cada Homem é uma raça* que é a outra obra do autor.

Depois de analisar a colonização portuguesa de Moçambique, este trabalho vai-se basear principalmente nas obras de Mia Couto *Terra Sonâmbula* e *Cada Homem é uma raça*. O autor moçambicano tenta demonstrar através dos seus livros, neste caso as duas obras mencionados em cima, as realidades, as experiências vividas (memória) pela sua sociedade.

A primeira obra, *Terra sonâmbula*, é um romance publicado em 1992, onde Mia Couto relata a vida quotidiana do Muidinga e do Tuahir que caminham na beira de uma estrada que mostra sinais da guerra e param num Machimbombo¹ queimado cheio de corpos carbonizados. Depois de tirarem os cadáveres do autocarro, os dois personagens encontram uma mala ao lado de um outro corpo perto da área onde os outros cadáveres estavam a ser enterrados. Depois de encontrar cadernos dentro da mala, Muidinga vai começar a lê-los. Eles pertenciam a um tal Kindzu, um moçambicano que os escreve e conta a sua vida pessoal, as suas aventuras e também narra a vida do povo moçambicano em plena guerra civil. *Terra sonâmbula*, é composto de onze cadernos de Kindzu e de onze capítulos que narram o dia-a-dia dos dois ocupantes do Machimbombo. As duas narrativas encaixadas estabelecem uma divisão simétrica entre elas (estão intercaladas). Muidinga lê os cadernos em dinamismo, “mise en abyme”, e nessa leitura nota-se o enfrentamento de dois mundos que necessitam coexistir entre si.

Em primeiro lugar falaremos do contexto histórico da publicação do livro, depois veremos as personagens mais importantes da obra, analisaremos as diferentes partes, daremos a nossa visão do romance e por fim anexaremos uma biografia resumida de Mia Couto.

¹ Machimbombo (autocarro)

Na segunda obra do autor que será referida no trabalho, *Cada Homem é uma Raça*, temos onze contos, antes de cada um dos contos existe um pequeno texto que ilustra o que vem depois.

As personagens nos contos estão muitas vezes perante situações complicadas, com angústia, tristeza, e isso reflete a vida real da sociedade moçambicana.

PRIMEIRA PARTE

Breve história da Literatura Moçambicana

A literatura moçambicana começa no início do século XX segundo alguns autores, e pode ser dividida em duas grandes fases que por sua vez têm etapas. A primeira fase corresponde ao período em que o país está sob dominação portuguesa. Esta fase eu pessoalmente não a incluiria na literatura moçambicana porque os seus autores eram estrangeiros (portugueses) que contavam o que viam nas suas estadias em África, neste caso particular Moçambique, apesar de haver muitas investigações e trabalhos sobre esta fase que é chamada também de “Literatura Colonial”. O contexto histórico corresponde ao Estado Novo em Portugal, então podemos deduzir que o principal objectivo dos autores com vivências do continente africano era de contar, falar sobre a superioridade e bondade do colonizador, pôr em valor da melhor maneira possível o sistema colonial português e a utópica liberdade que tinham os nativos. Quando vemos por exemplo a obra *o Vélo d’Oiro* de Henrique Galvão, as personagens brancas são sempre superiores, têm um melhor tratamento estético, são quase sempre protagonistas. O destinatário de ficção desta literatura colonial é a pessoa que está a viver em Portugal e o narrador produz textos com uma intencionalidade patriótica.

A segunda fase corresponde ao período pós-colonial. Durante esta fase temos duas etapas: uma literatura durante a luta para a independência e uma literatura pós-guerra civil. Os autores destas duas etapas podem ser os mesmos, a única diferença é o conteúdo da escrita. Na primeira etapa eu posso considerá-los como militantes porque estavam a denunciar o colonialismo, lutando para obter a independência, e na segunda etapa já estavam a contar as histórias do país. Moçambique pode ser considerado como um país em que muitos dos autores são contadores de histórias; como autores para além do Mia Couto, podemos referir Luís Bernardo Honwana, José Craveirinha, Ungulani Ba Ka Khosa, Marcelo Dias Panguana e muitos outros... Estes autores consideram que as condições sociais, culturais e as

realidades vividas pelos moçambicanos foram causadas pelo factor colonial. A sua escrita tinha um papel de proteção, vendo o colonizador como o último perigo que ia levar à destruição cultural de Moçambique a não ser que houvesse libertação.

Dai que os seus contos estavam a denunciar muitas vezes a exploração portuguesa para com os nativos através do colonialismo. Na sua obra Terra Sonâmbula, Mia Couto criou laços entre os mortos e os vivos. O pai da personagem principal fala com o seu filho Kindzu através dos sonhos deste ultimo, e mais tarde o patrão português ressuscita e fala com o seu empregado. Estas relações são muito comuns em outros autores africanos e moçambicanos em particular. O leitor africano não acha absurdo ou até muito surrealista o facto de os mortos dialogarem com os vivos. Um exemplo desta realidade, hoje no Senegal, pode ser ver uma cerimónia em que a família de um defunto oferece dinheiro ou comida a crianças na rua ou a pessoas mais necessitadas. Este acto é para responder a um pedido específico do morto que apareceu sob forma de sonho a alguém de família. É um ritual que mostra o aspecto tradicional, as crenças africanas permanecem e serão transmitidas para futuras gerações.

A Literatura Colonial começou quase no final do século XIX.

Na abordagem da literatura africana, a colonização tem um papel muito importante. Neste caso específico sobre Moçambique, a evolução da sua literatura como quase todos os outros países africanos da língua portuguesa pode ser em três etapas: a primeira etapa corresponde ao início do século XX onde duas vagas de publicações coexistiram. Os pequenos livros de autores africanos nesta época eram publicados em Portugal com a ajuda de alguns portugueses como por exemplo Amor (Edição da Casa dos Estudantes do império – Lisboa -1960) do poeta angolano Mário António.

Este tipo de livros tinha uma circulação muito restrita e ajudou a construir a autonomia das literaturas antes das independências e temos que lembrar que nesta época mais de 90% da população moçambicana era analfabeta, isso quer dizer que os leitores eram ou estrangeiros ou estudantes. A segunda vaga corresponde à Literatura Colonial que

surgiu com as viagens de exploração e de ocupação das terras. Esta literatura era produzida principalmente para agradar ao leitor metropolitano; como exemplo de obras temos de Maria Archer *África Selvagem* ou de Henrique Galvão *Terras do Feitiço*. Nesta literatura era posta em evidência a dominação portuguesa num território muito diferente e adverso.

Nos finais dos anos sessenta e começo dos anos setenta surgiu a literatura “engagée”. A publicação do livro *Nós Matámos o Cão Tinhoso* em 1964 pelo autor Luis Bernardo Honwana corresponde a esta vaga. Outras obras que podemos citar são *Poesia de Combate* da Frelimo ou Serviços da Cultura de MPLA em Angola. Esta época corresponde à luta para as independências, então os autores eram militantes, combatentes contra a ocupação. E chegamos à última etapa que é a literatura pós-colonial onde se insere o nosso autor principal do trabalho, Mia Couto. Ele reflecte sobre a história e as grandes dificuldades que o povo moçambicano enfrentou no seu passado recente abordando assim a identidade na sua escrita.

A constituição e formação da população moçambicana ao longo das épocas

Como qualquer país do continente africano, actualmente Moçambique tem várias etnias e línguas. Banhado pelo Oceano Índico a leste, Moçambique começou a ser ocupado pelos Bantus (caçadores), a seguir vieram os comerciantes indianos e árabes que construíram feitorias ao longo do território e depois é que vieram os portugueses. Segundo o portal oficial do governo moçambicano, os primeiros habitantes deste território eram primitivos bosquímanos, caçadores e recolectores.

Entre o I e IV século depois de Cristo, os bantus, camponeses e ferreiros, vindo do norte, emigraram através do vale do Rio *Zambeze*. Eles invadiram o país expulsando os primeiros ocupantes para o sul. Os outros habitantes que ocuparam Moçambique eram os navegadores indianos e árabes que construíram muitas feitorias onde eram exportados ouro, ferro e cobre. De facto, as informações sobre a localização de Moçambique chegaram à Europa entre os séculos X e XIII. Foram trazidas para a Europa por mercadores muçulmanos. O primeiro português a chegar nesta parte da África foi Pêro da Covilhã, enviado do rei D. João II. Moçambique iria ser ocupado por Portugal durante séculos, e ao longo do tempo os nativos não seriam só aqueles que ali estavam em primeiro lugar mas também todos os indianos e descendentes de portugueses (brancos ou mulatos). Podemos afirmar que a sociedade moçambicana é maioritariamente de origem Bantu e os principais grupos etnolinguísticos são: Cheua, Chona e Tsongas.

Os Maconde estão no planalto de Mueda e Cabo-Delgado; os Kote, Nahara e Muani vivem mais na zona norte de Moçambique, Nampula e Cabo Delgado.

Ao sul do Zambeze estão os Tsongas e as suas divisões: Chopes, Rongas, Changanas, Tsua. Ainda encontramos os Chonas que se ramificam em Zezulus, Ndaus, Macorres, Tewes, Manhicas, Nhungues.

O enquadramento da chegada dos portugueses a Moçambique

Vasco da Gama chegou em 1498 a Moçambique, e vai destruir as feitorias árabes e indianas na sua segunda viagem. O país viu a chegada de vários missionários muitas vezes acompanhados de exércitos armados para “civilizar” os nativos como primeira intenção e depois converter à religião cristã a população local; esta conversão se fazia através da educação dos mais novos, ao mesmo tempo os missionários estavam tentando aprender as línguas locais. Em meados do século XVI, tem-se conhecimento da existência do Império do Monomotapa. Em 1561, os missionários portugueses converteram Monomotapa, mas a violenta reacção dos muçulmanos provocou uma expedição militar portuguesa (1569) que foi dizimada. Houve sempre tensões entre os Árabes que ali estavam e os missionários portugueses. Lembramos que os Árabes foram os povos que deixaram as suas marcas no território português. Ainda hoje temos algumas palavras do léxico português de origem Árabe devido a esta ocupação.

A partir daí, a penetração portuguesa seria de tipo comercial, pois os conflitos inter-africanos permitiram aos portugueses inserir-se no país através do sistema de concessões. Em 1554, Lourenço Marques fundou a cidade que teria o seu nome. Entretanto, no começo do século XIX, o domínio português era ainda precário, e as pretensões inglesas avolumaram-se nas fronteiras meridionais.

Mais tarde, os alemães ocuparam a baía de Kionga. Aliás, os limites da colónia portuguesa só foram fixados em 1893. De facto, Portugal foi o Estado que pediu a Bismarck para organizar a Conferência de Berlim em 1884 devido a um não entendimento pela parte da França, Bélgica e da Alemanha de um acordo luso-britânico sobre o Congo.

A expansão se passou por vários períodos de cada vez com motivos específicos por exemplo os motivos para os comerciantes era de terem mais ouro e outros objectos de valor como é o caso do marfim, mesmo se temos de

destacar o facto de que o rei era a única pessoa que podia dar autorização de efectuar o negócio de comerciante, enquanto para os religiosos transmitir a fé cristã era a coisa justa para fazer. Então os seus objectivos eram converter o maior número de pessoas possível ao cristianismo. De facto a delimitação das fronteiras estava assim ligada ao estabelecimento de uma economia de serviços em Moçambique. Ou seja, o reconhecimento inglês da soberania portuguesa sobre Moçambique estava baseado na dependência lusitana do capital anglófono. A burguesia portuguesa procurou desde o início tirar o melhor partido das suas colónias, já no final do século XIX tinha recuperado grande parte do terreno perdido contra o seu rival britânico. Portugal conseguiu ganhar o tratado de 1891 que tinha como uma das cláusulas construir um caminho-de-ferro da Beira na Rodésia apesar da oposição inglesa que não queria assinar e também implementar empresas. Isto aconteceu no entanto à custa de fortes concessões políticas e económicas que poderiam só ser eliminadas no final dos anos da concessão. Enquanto nos outros países imperialistas as empresas que foram estabelecidas eram da mesma nacionalidade do Estado politicamente independente, em Moçambique o sistema das empresas foi imposto pelo estrangeiro ao governo português e o capital era na maioria estrangeiro no início.

A crise político-financeira que grassou em Portugal na passagem do século permitiu até que as potências coloniais rivais chegassem a pensar numa partilha de Moçambique. Este permaneceria português, mas à custa de repetidos choques com a população local.

Moçambique até aos finais dos anos 30 era considerado como um território fornecedor de matérias-primas para Portugal, subdesenvolvido. No entanto, depois da Segunda Guerra Mundial a política de Portugal para com as suas colónias começou a mudar devido à pressão internacional que estava a promover a independência das colónias não só dos de Portugal mas também de todas as outras potências como a França, Inglaterra.

Os portugueses que já estavam a viver lá e os seus descendentes, na maioria mulatos, vão desenvolver o comércio do marfim, de metais e de escravos. A partir de 1752 Moçambique passou ao estatuto de colónia portuguesa e a escravatura tornou-se um grande comércio para a nação.

De facto, segundo as pesquisas feitas por Patrício Vitorino Langa² foram cerca de 15 milhões de africanos deportados para as plantações portuguesas no México e do Brasil. No entanto, só 4 milhões sobreviveram desta longa e infernal viagem. O principal destino dos escravos era para as plantações de açúcar nas ilhas de Reunião e Maurícia e plantações portuguesas do Brasil.

Em 1856 Portugal aboliu a escravidão, no entanto, o comércio clandestino de escravos para o Brasil continuou até 1862. Ele foi substituído por um outro sistema que é a colonização no século 20, com a chegada ao poder de António Oliveira Salazar, a administração portuguesa tornou-se autocrática e o regime colonial endurecem bastante por volta de 1933. Tendo em conta que a missão do colono era para civilizar a população local, os nativos não tinham direito à educação nem a todos os outros direitos que tinham os portugueses e os assimilados (mulatos). Eles foram destituídos das suas terras, obrigados a trabalhar, e frequentemente torturados, não podiam sair à noite.

De facto, este sistema consistia em mandar trabalhadores sem remuneração e contra a sua vontade para as Ilhas de Zanzibar, Mascaraignes. A presença da igreja católica ajudou a fortificar o poder imperial português porque a política era de pôr mais pessoas nativas para ocupar as regiões consideradas ultramarinas. Isto é, zonas de colónias consideradas como regiões portuguesas deviam ser habitadas, isso ia facilitar a conversão de vários grupos étnicos que não falavam as mesmas línguas.

² Patrício Vitorino Langa, *A afro-brazileiração e a possibilidade de conhecimento da realidade social africana e brasileira contemporânea* 2012 p.23

A Guerra Civil entre 1976 e 1992

Um grupo de comandos que substituiu o regime colonial conseguiu desde 1976 desenvolver a insegurança em Moçambique, recentemente independente, até provocar uma situação de guerra civil? Esta poderia ser a pergunta das causas de uma guerra que transformou uma sociedade inteira. Durante muito tempo, o essencial da resposta foi ligado à análise do dinamismo exterior deste movimento; a ajuda dos colonos rodesianos, do governo sul-africano, por mais razões morais, políticas, económicas ou éticas não serviam para uma solução. De facto, a teoria da conspiração exterior explica mal o crescimento inexplicável das forças da RENAMO que passaram de um grupo muito reduzido de soldados em 1980 a mais de dezasseis mil em 1989.

Tudo começou no dia 25 de junho: Moçambique tornou-se independente. E a pessoa que assumia o cargo de chefe desta nova república era Samora Machel, membro do FRELIMO. A sua visão era tentar estabelecer uma forma de democracia do povo com um único partido político.

Estas tensões políticas e outras causas que veremos mais adiante trouxeram uma guerra civil que durou mais de uma década e fez mais de 500 mil mortos. Esta guerra apesar de ter sido influenciada pela Guerra Fria e pelo apartheid, foi uma guerra interna, isto é, entre moçambicanos. No entanto, a realidade do conflito dentro do país é muito mais complexa porque algumas províncias experimentaram a guerra logo no início e outras alguns anos depois, portanto alguns viveram a violência durante muitos anos seguidos e outros experimentaram as consequências do conflito num período mais curto. De facto, o contexto histórico que podemos também apontar é a guerra fria. Estávamos em plena guerra fria, o comunismo para a sua propaganda estava já a ajudar muitos Estados a obterem as suas independências.

E muitas vezes conseguiram. No entanto, houve sempre uma maneira de fazer cair o partido comunista ao poder não só em Moçambique mas também em outros países africanos. Como é o caso por exemplo do Congo de Lumumba, ou o Burkina Faso de Thomas Sankara.

Esta guerra civil teve outras origens, que foram a guerra da independência liderada pela FRELIMO (Frente da Libertação de Moçambique) nos anos 60 e a guerra nas fronteiras com a Rodésia. FRELIMO era o partido no poder e apoiado pelas ideologias afro marxistas assumiu o governo no final da independência oficial; tinha como dirigente Samora Machel.

Em 1975, o governo moçambicano fechou a fronteira com a Rodésia para obedecer a normas internacionais. Esta decisão levou a que a Rodésia se encontrasse bloqueada, sem acesso ao Corredor da Beira³. Não contente com esta situação, a Rodésia, com a ajuda dos moçambicanos que não alinhavam com o partido ao poder, formaram a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) e começou assim a guerra civil. Este conflito pode ser dividido em 4 partes.

A primeira parte vai de 1976 até 1980, a RENAMO comandada por Afonso Dhlakama estava muito organizada e lançou os ataques no centro de Moçambique e perto da sua fronteira. Entre 1980 e 1986 veio a segunda parte do conflito. Depois da independência do Zimbabué, a RENAMO perdeu a ajuda da Rodésia. No entanto, conseguiu o suporte da África do Sul que também queria instabilidade em Moçambique. A terceira parte da guerra foi entre 1987 e 1990, naquela altura em que, segundo R.D. Alexander, *“houve maiores ataques pela RENAMO para com os civis sobretudo os do sul. E a África do Sul começou a mudar de ideia tendo em conta que ao deixar que a guerra acontecesse na sua fronteira com Moçambique levou à entrada de milhares de refugiados no seu país”*⁴. A quarta e

³ Corredor da Beira (estradas, linhas de comboios que faziam ligações ao porto da cidade Beira para a Rodésia)

⁴ R.D. Alexander *Curse on the land: A History of the Mozambican Civil War, (2006) PhD dissertation at school of Humanities The University of Western Australia p. 270*

última parte desta guerra é entre 1990 e 1992; durante os acordos de Roma chegou-se a uma resolução do conflito no dia 4 de Outubro de 1992. No entanto, os combates ainda continuaram em muitas províncias.

Temos de notar que os sobreviventes desta guerra sofreram directamente ou indirectamente da consequência da guerra e depois da guerra a sua saúde ficou afetada. Não houve política depois da guerra para acompanhar as crianças que foram levadas pelos rebeldes como soldados e as mulheres que foram violadas tiveram que aguentar os seus traumas. A maioria das crianças nascidas depois durante ou logo a seguir à guerra sofreram má nutrição, sobretudo aqueles que viviam nas zonas mais recuadas.

Durante a guerra, o povo moçambicano estava vivendo num mundo quase de ficção porque sonhava todos os dias com o fim desta matança e no dia a seguir enfrentava a realidade. Para além das vítimas directas desta guerra, houve mais de 1 milhão que morreu indirectamente desta guerra civil, de sede ou de fome. Até a versão adaptada da *Terra sonâmbula* ao cinema mostra isso, quando o Muidinga e o Tuahir oferecem água a uma garota que estava bem atada pelo pai. No início do século XXI mais de 1 milhão de minas terrestres ainda permaneciam ao longo das trilhas e estradas do país e a luta política continuou entre a oposição e o governo central.

SEGUNDA PARTE

A importância dos contos nas obras de Mia Couto Terra Sonâmbula e Cada Homem é uma Raça

Os contos africanos constituem uma literatura oral que permite transmitir os valores da sociedade onde eles estão contados. Ninguém conhece a origem dos contos africanos, que são geralmente o reflexo da sociedade e não dos seus autores. Pertencem à sociedade em que estão inseridos. Num mesmo país podemos diferenciar os contos pela sua etnia de origem. Nas sociedades africanas tradicionais não existem escolas onde se ensina a literatura, as ciências, as matemáticas, a tecnologia. Tudo isso aprende-se através do contacto com os mais velhos, mas é um saber que só conseguimos adquirir quando sabemos ouvir. O contador pode adquirir estes diversos conhecimentos frequentando os mais velhos de forma contínua. Ele pode até ter perguntas pertinentes que poderiam lhe ser perguntadas por um ouvinte uma vez que ele seria a pessoa seguinte a contar esses contos.

E as personagens dos contos são seres humanos, animais, elementos da natureza, génios da floresta, espíritos, Deuses...Eles são diferentes uns dos outros mas se complementam. Podemos encontrar muitos aspectos da criança nos contos africanos como por exemplo a criança com o papel de órfão, de anjo, de curioso, de esperto.

A ideia de que o público-alvo dos contos são só os jovens não é real. Hoje em dia, na África tradicional (zonas rurais) vê-se que são crianças, jovens e adultos que se juntam para ouvir contos, se bem que o entendimento e a interpretação varia em função da idade do ouvinte. Em muitas aldeias africanas, o espaço do conto é o mesmo. O público senta-se

em forma de um meio círculo enfrentando o contador de maneira a que ele consegue ver toda a gente e as sessões ocorrem quase sempre à noite. A pessoa que conta é considerada como um artista.

Isto é, tem o papel de cómico, de poeta, de cantor e de dançarino ao mesmo tempo. É uma das razões por que lemos as obras de Mia Couto, apesar de tratar temas tristes como a guerra, a fome, a morte, ele consegue inserir algumas expressões ou diálogos muito engraçados que podem animar o leitor. É uma das características dos contos africanos.

Os mais velhos são considerados muitas vezes como os melhores contadores porque já conhecem muito sobre a vida, têm uma experiência notável e muitas vezes são os avós, os familiares, que desempenham este papel. Os outros que contam em ambiente público têm de ter estatuto de “griot” e até podem ser jovens porque têm a arte da fala. Estas pessoas têm que ter sentido de humor, uma boa imaginação, mas sobretudo também uma memória acima da média devido ao facto de conseguirem memorizar centenas de contos dos seus países e outros contos que foram trazidos por estrangeiros. De facto, os contos são transmitidos de boca para orelha durante séculos porque a sua escrita é um fenómeno recente em alguns casos. Então podemos afirmar que a maioria dos autores para além da sua inspiração e imaginação, que incorpora contos africanos tirados de uma determinada sociedade nas suas obras, joga o papel de tradutor. Na sua investigação, ele recolhe os dados, pode alterá-los quando escreve mas no final a versão original será sempre a versão oral que ele ouviu.

Qualquer sessão de conto tem como principal objectivo instruir pela brincadeira por isso as pessoas que contam devem saber tornar as suas histórias vivas e provocar o interesse e motivação daqueles que escutam.

Os temas dos contos africanos são muito variados. Têm funções morais e podem abordar qualquer tipo de tópico relacionado com a vida no dia-a-dia das pessoas como por exemplo a morte, a riqueza, as estações do ano, a pobreza, a vingança, bondade.

Os conteúdos de alguns temas são parecidos com as lendas. É o caso dos guerreiros chamados de “Naparamas” que Mia Couto incorpora na obra Terra Sonâmbula.

A personagem principal os descreve como super-humanos ou heróis que conseguem lidar com qualquer tipo de problema e que seriam capazes de acabar com a guerra civil moçambicana.

Porque é que há muitos contos orais na literatura africana em geral? Na minha opinião é porque a maioria esmagadora do público africano é analfabeta sobretudo quando voltamos à época colonial. Tudo era contado oralmente pelos mais velhos. E os mesmos contos eram transmitidos de geração em geração. Este fenómeno pode ser chamado de tradição oral. Isto é, o património cultural e linguístico, testemunhando crenças ou simplesmente factos naturais existindo num país, numa região ou numa aldeia, sendo transmitidos de geração em geração para que nós a possamos descobrir. A tradição oral é intemporal, ela se modifica quando o seu ambiente se modifica. O conto é uma arte colectiva criada pelo povo para o povo. Deve a sua origem à imaginação dos contadores. Estes últimos são os únicos titulares de um património cujo carácter oral faz a sua originalidade. Se bem que às vezes qualificado de fantástico, está relacionado com as experiências vividas; os contadores sabem transformar a vontade das suas palavras. Se o conto é menos preciso que a lenda, muitas vezes fundada sobre um facto real, e veiculando um determinado contexto geográfico, ele não parece menos real, a tal ponto que o seu público (crianças sobretudo) ficam com medo durante as vigílias nocturnas.

Mas antes de tudo temos de analisar qual é a identidade africana e moçambicana.

A identidade pode ser definida como a consciência social que podemos ter de nós próprios e que resulta da intenção que constantemente estabelecemos com o ambiente em que vivemos do mais singular ao geral. Isto é, temos uma família, pertencemos a vários grupos sociais, a um estatuto social, a uma nação, a um continente, a um grupo étnico.

A fim de combater os discursos coloniais, a ideia dos líderes que podem ser chamados pan-africanistas era levar os cidadãos africanos a deixar a sua identidade (o facto de pertencerem a um determinado grupo étnico ou tribo) e de se

focarem mais sobre o bem da nova nação que pertence a toda gente. Assim, tornou-se mais famoso o slogan “ l’union fait la force”. A restrita elite africana vivendo no continente ou na diáspora organizava-se em grupo para defender e desenvolver esta ideologia. Não podemos esquecer que a política dos países colonizadores era dividir os nativos para poder reinar com mais facilidade. Quer seja no Senegal, onde havia quatro regiões (Dakar, Gorée, Saint Louis e Rufisque) onde os seus habitantes (negros) beneficiam de uma discriminação positiva em relação às restantes zonas do país, quer seja em Moçambique onde havia etnias que tinham mais favores do colonizador e eram discriminados positivamente. Do meu ponto de vista, não se pode falar de uma identidade moçambicana sem abordar a contribuição quer no aspecto positivo quer negativo do colonialismo porque esta nova República negra com elementos crioulos, nomeadamente negros, mulatos e brancos que escolheram a nacionalidade moçambicana em 1975 ainda têm grandes dificuldades em ser considerados como moçambicanos pela população. Um cartaz do Estado Novo da década de 60 ilustra bem esta influência dizendo: “Moçambique só é Moçambique porque é Portugal” Será que é o facto de ser um indivíduo cuja vida ou comportamento são definidos pelas tradições, cultos, rituais etc....?

Ou será que é aquele indivíduo multicultural e poliglota que aceita o seu lado mais conservador quando referimos factores culturais nacionais e ao mesmo tempo abraça as coisas que foram trazidas e deixadas pelo colonialismo? Quando referimos a identidade moçambicana nas obras de Mia Couto temos uma coexistência entre a herança tradicional e a influência da cultura do país colonizador. No entanto por vezes esta relação entre o que é moderno e a tradição africana pode constituir um grande problema devido ao facto de alguns autores considerarem que a tradição é o que mais nos define enquanto africanos e que qualquer tipo de incorporação à modernidade pode ser considerada como uma forma de alienação (não pertencendo às culturas moçambicanas).

De facto, a partir da segunda metade do século XX começou a surgir a ficção narrativa moçambicana onde os autores estavam a contar histórias que eles testemunharam inserindo um pouco da imaginação com uma realidade cruel. Do

ponto de vista semântico, eles já não queriam seguir o padrão europeu como maneira de escrever contos porque não pertencia à identidade de Moçambique.

Segundo Frantz Fanon “(...) a reflexão sobre o valor normativo de certas culturas, decretado unilateralmente, merece que lhe prestemos atenção. Um dos paradoxos que mais rapidamente encontramos é o efeito de ricochete de definições ego centristas.

Em primeiro lugar, afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim, a noção de relatividade cultural. Da negação geral passa-se ao reconhecimento singular e específico. É precisamente esta história esquartejada e sangrenta que nos falta esboçar ao nível da antropologia cultural”⁵.

Hoje em dia, excepto em alguns países árabes do norte da África, podemos concluir que os dois pontos que referimos acima convivem no que diz respeito à identidade africana. Ou seja, o colonialismo tem um papel fundamental na identidade africana. O perfeito e simples exemplo disso são as línguas oficiais destes países. Hoje em dia apesar de autores africanos quererem valorizar a tradição cultural e linguística dos seus países, as suas obras são quase todas escritas ou em português, inglês ou francês, mesmo que o público-alvo seja africano, devido ao facto de que em muitos países existem pelo menos quinze ou mais línguas nacionais.

No entanto pode-se pensar que reivindicar a identidade africana só focando no que vem do passado africano é um pouco impossível ou até contraditório. No meu ponto de vista, a cultura africana está cheia de traços deixados pelo colonialismo, a maneira de falar, de vestir, de viver das pessoas tudo é quase igual quando comparado com a Europa. De facto, podemos afirmar esta contradição através do movimento da Negritude fundado por Aimé Césaire e Leopold Senghor; a sua ideologia era considerar a negritude como instrumento de consciencialização e de luta contra a colonização, queriam que o continente africano fosse visto de uma outra maneira. Autores como Ousmane Sembéne

⁵ [https://afrodiasporarts.wordpress.com/2012/05/30/racisme-et-culture-par-frantz.](https://afrodiasporarts.wordpress.com/2012/05/30/racisme-et-culture-par-frantz/) (acesso em: 18 novembro-2019)

ou Askia Mphahlele mostraram-se muito cépticos do movimento devido ao facto de que nas suas visões a Negritude não dava prioridade aos problemas que enfrentava o povo africano na altura.

Segundo Mphahlele “ *nas comunidades multirraciais, a Negritude é só uma questão intelectual, um culto. Nós não tivemos o azar de ser formados no estrangeiro e de ser assimilados como nossos amigos francófonos...devemos ajudar o artista africano na sua situação complicada*”⁶

Os escritores pan-africanos se preocupam mais com a necessidade que eles sentem de sondar o passado africano examinando a sua realidade contemporânea buscando os elementos que permitem negar o papel que muitos designaram raça negra. Contrariamente aos escritores da Negritude, os outros apresentam nas suas escritas uma visão da realidade africana que contém os aspetos mais positivos e mais complicados da filosofia africana do ser. Isto é, um continente que até agora era considerado pelo ocidente como um lugar onde vivem “selvagens” ou pessoas de “mentalidade e estatuto inferior” era o oposto daquilo tudo. Havia uma civilização muito avançada, muitas culturas diferentes das ocidentais mas não inferiores ou superiores.

René L’Écuyer define a identidade como: “*um conjunto de características (gostos, interesses, qualidades, defeitos...) de traços pessoais (incluindo as características corporais), de papéis e de valores , (...) que a pessoa se atribui, avalia por vezes positivamente e reconhece como fazendo parte de si própria...*”⁷

Quando comparamos a variedade entre a literatura dos países africanos de língua francesa e inglesa com a literatura dos países africanos de língua portuguesa, sobretudo moçambicana, é que antes das independências os escritores e estudantes dos primeiros já faziam reuniões, colóquios, se reuniam regularmente para falar sobre as questões da identidade e a importância da literatura africana. Eles queriam que o negro tomasse o seu destino nas suas próprias mãos livrando-se da sua complexidade e da sua alteração mental. Os líderes deste movimento queriam fugir da

⁶ E. Mphahlele, *The African Image*, London, Faber and Faber, 1962, p.40

⁷ Ruano Borbalan, *L’identité: l’individu, le groupe, la société*, Auxerre, Editions Sciences Humaines, 1998, p.4

assimilação através dos seus poemas publicados na revista L'Étudiant Noir. O tema da obra de Césaire Cahier d'un retour au pays natal está muito focado nesta emancipação, dignidade e orgulho de ser negro.

E Senghor dizia que a Negritude pode ser considerada como “*o conjunto dos valores culturais do mundo negro.*”⁸

O movimento tem uma grande influência dos contos da literatura africana em geral.

Quando tomamos como exemplo a África francófona, nos anos cinquenta começou uma onda de autores africanos que publicaram obras que tinham versões orais nas suas culturas.

Amadou Koumba, Birago Diop, Bernard Dadié são alguns dos mais conhecidos e cujas obras estão inseridas nos diferentes ciclos do ensino nacional quer no Mali, quer no Senegal ou na Costa de Marfim. Para estes autores referidos os contos aqui têm como papel provar, reivindicar e demonstrar que a cultura ou a civilização africana é tão rica como a civilização ocidental.

No entanto, apesar de terem em comum uma originalidade, ou seja, eles têm a tendência de inserir palavras que vêm das línguas nacionais nas suas obras e também o uso das línguas da ex-colónia (neste caso francês e português) para expandir as suas respectivas literaturas, há uma grande diferença na abordagem do tema dos contos quando comparamos com autores de literatura africana de língua portuguesa. Um dos factores desta diferença é devido ao colonizador que é Portugal. Uma nação subdesenvolvida em comparação com França ou Inglaterra, mas também o seu regime era totalitário por isso as repercussões era que a taxa de analfabetismo era muita alta em Moçambique e havia poucos intelectuais ou escritores.

Os poucos que eram ou que podiam ser escritores estavam constantemente controlados, isolados. Uma das políticas de Salazar era de não instruir muito aqueles que podiam um dia ser contra o seu regime. Por isso, nos anos cinquenta, estes estudantes moçambicanos ou angolanos tinham imensas dificuldades em participar nos debates dos seus colegas francófonos e anglófonos.

⁸ Liberté 3: Négritude et civilization de l'Univers, discours, conferences, Le Seuil, 1977 p90

A expansão da educação nacional começou a mudar só depois da revolução de 1974 em Portugal. De facto segundo Patrick Chabal “*Depois de 1974 esta produção estancou, sendo quase abandonada na academia portuguesa, que sofreu uma ampla remodelação, e limitada nos países africanos de língua oficial portuguesa, onde as condições políticas atrasaram a afirmação dos estudos em ciências sociais. O interesse pela África Lusófona começa na década de 1980 desenvolvido por parte de académicos oriundos do universo francês, inglês ou americano, os quais encaram esta área por contraponto aos estudos sobre a África francófona, Anglófona ou Arabófona...*”⁹

Os temas mais abordados dos autores francófonos têm a ver com contos orais já muito conhecidos entre os nativos e com os triunfos de guerra antes ou durante a colonização, poderes ilimitados de um herói africano qualquer ou às vezes a sua inteligência, enquanto os autores lusófonos, e Mia Couto em particular, nas suas obras denunciam muitas vezes o mal do colonialismo. Combater contra a dominação portuguesa tinha muitos objectivos: em primeiro lugar acabava definitivamente com a política africana da metrópole, promovia a cultura local desmentindo assim a visão pró-colonialismo da África pelos autores ocidentais. Alguns autores antes de Couto que defendiam esta ideologia como é o caso de Óscar Ribas podem ser considerados de etnográficos porque faziam descobrir a parte desconhecida da África através das suas vivências baseadas sobretudo no ambiente familiar. Missosso, Ecos da Minha Terra, Flores e Espinhos são obras do autor que podemos citar.

Mas temos também de tomar em consideração o facto de que Moçambique e os outros países africanos de língua portuguesa obtiveram as suas independências através de uma luta armada contra Portugal. Talvez isso seja o factor que criou a diferença no que diz respeito a esta abordagem temática dos autores em cada área (francófona e lusófona).

⁹ <http://journals.openedition.org/7cea/1415> (acesso em 18-11-2019) Patrick Chabal e a África Lusófona

Estas literaturas mal amadas e poucos conhecidas fora dos seus países, tiveram tremendas imensas dificuldades em afirmar-se ao longo dos tempos antes das independências por circunstâncias de variada ordem. Os autores não se podiam focar só na literatura, muitos deles ainda estudantes, militantes, e as suas obras eram publicados em jornais e revistas de Portugal e dos seus países.

Todas estas dificuldades contribuíram para o facto de que os textos dos autores estejam muito marcados pela política, pela ideologia, pelas realidades históricas.

As obras podem até ser consideradas como textos substantivos, concretos, ou mesmo serem consideradas como uma crónica do real. Devido a este facto, a literatura africana dos países de língua oficial portuguesa tem a tendência de relatar a vida na altura do colonialismo e depois das independências utilizando a voz dos próprios nativos como contadores de histórias ou acontecimentos no passado. Tudo isso mostra que os leitores ou o público-alvo constituem actores principais da produção literária. A produção literária que seguiu as independências se focou mais na experiência dos combatentes como principal tema. A maioria dos textos escritos durante os combates e testemunhas foram publicados. Esta fase pode ser considerada como o período da acusação das práticas durante décadas do colonialismo desde o trabalho forçado sobretudo dos trabalhadores moçambicanos nas minas Sul-africanas. Os autores da época pós independência, só podiam falar as consequências negativas da guerra, no ponto de vista social, cultural, económico. E em outros lados tinham que contar a principal causa deste mal, que é o ex-colonizador.

Aliás, Mia Couto, durante “*Mentor et Protégé*” fazia alusão ao Moçambique anti-colonial e dizia: “ *tudo não era branco ou preto, vou contra as implicações, somos o resultado de várias versões do passado. Encontrei muitas fontes em português mas para o Moçambique tinha que buscar fontes orais, e quando comecei a trabalhar com a etnia Txopi, as suas pessoas não me queriam falar porque não queriam acordar os fantasmas.*”¹⁰

¹⁰ Mia Couto e o projecto literário patrocinado pela Rolex https://www.lepoint.fr/culture/mozambique-mia-couto-l-histoire-est-pleine-de-mensonges-et-d-oublis-page-2-18-06-2017-2136177_3.php (acesso 20-11-2019)

Na minha opinião, o que entendo nas palavras do autor é que para existir uma literatura moçambicana a oralidade tem que conviver com a escrita. Não podemos separar as duas coisas.

A escrita perde o seu sentido sem a oralidade. No entanto, esta convivência só pode existir e permanecer se aquelas etnias que têm uma forte oralidade aceitassem contar o que sabem aos escritores. Quando é acessível só a uma determinada etnia, a versão escrita desta oralidade será o seu único meio de sobrevivência, ajudando também para que no futuro não exista uma grande alteração nas coisas que foram contadas e podem servir para alargar o número de leitores estrangeiros a conhecerem uma determinada cultura, prática ou costume.

A identidade moçambicana tem a ver com o facto de serem também o produto de um passado pré-colonial, colonial e pós-colonial. Ele é o perfeito exemplo desta mistura, o homem moçambicano com origens étnicas totalmente portuguesas. mas reconhecido por ser autor completamente africano devido à sua maneira de escrever e pensar. Apesar de escrever em português, as suas “estórias ou contos” são de um público africano que fala diferentes línguas. Não é que estas línguas nacionais sejam incompreensíveis ou inacessíveis, é facto de que em primeiro lugar por razões políticas e económicas são utilizadas as línguas oficiais, mas também em segundo lugar a partilha de África pela Europa não teve nenhuma consideração para com as tradições culturais, linguísticas que os africanos já tinham. O resultado é que em cada país da África Subsaariana se encontram culturas, línguas completamente diferentes umas das outras mas obrigadas a conviver também depois das independências; os países africanos mantiveram fortes relações de dependência com as antigas colónias e as suas línguas tornaram-se oficiais; o segundo factor é que em cada país pode até haver uma língua nacional dominante mas esta última não será falada por todas as pessoas. Quando uma obra é escrita em Bantu por exemplo, ela terá um público-alvo muito limitado.

A fase que corresponde ao período pós-colonial mostra uma literatura moçambicana subdividida; em primeiro lugar temos uma literatura durante a luta para a independência e uma literatura pós-guerra civil.

Os autores destas duas etapas podem ser os mesmos, a única diferença é o conteúdo escrito. Na primeira etapa eu posso considerá-los como militantes porque estavam a denunciar o colonialismo, lutando para obter independência, e na segunda etapa já estavam a contar as histórias do país. Moçambique pode ser considerado como um país cujos autores são contadores de histórias; como autores para além do Mia Couto, podemos referir Bernado Honwana, Marcelo Panguana e muitos outros, estes autores consideram que as condições sociais, culturais e as realidades vividas dos moçambicanos são causadas pelo factor colonial.

As suas escritas tinham um papel de proteção, de conservação e sobretudo aquele que vê o colonizador como o último perigo que ia levar à destruição cultural de Moçambique a não ser que houvesse libertação.

Dai que os seus contos estavam a denunciar muitas vezes a exploração portuguesa para com os nativos através do colonialismo. Na sua obra Terra Sonâmbula, Mia Couto criou laços entre os mortos e os vivos. O pai da personagem principal fala com o seu filho Kinzu através dos sonhos deste último e mais tarde o patrão português ressuscita e fala com o seu empregado.

Estas relações são muito comuns em outros autores africanos e moçambicanos em particular. O leitor africano não acha absurdo ou até surrealista o facto de os mortos dialogarem com os vivos. Um exemplo desta realidade, hoje no Senegal, pode-se ver uma cerimónia em que a família de um defunto oferece dinheiro ou comida a crianças na rua ou a pessoas mais necessitadas. Este acto para responder a um pedido específico do morto que apareceu sob forma de sonho a alguém de família é um ritual que mostra o aspecto tradicional; as crenças africanas permanecem e serão transmitidas para futuras gerações.

A “Princesa Russa” é um dos contos que achei muito interessante de destacar na obra Cada homem é uma raça, para além da presença de muitos provérbios moçambicanos, a imaginação do autor é de notar também. Em resumo temos uma princesa russa chamada Nádia com o marido Iuri, que vive no meio do mato em Moçambique porque o

marido tem uma mina. No entanto quem narra o conto é o Fortin, um negro encarregado-geral dos criados, ele manda nos outros negros na casa. Ele confessa ao padre todas as coisas más que teria feito naquela altura porque quando confessa já a mina tinha fechado. Alguns dos pecados era pensar só no seu interesse, maltratando os seus compatriotas negros, mentir à princesa que o tratava bem, entre outras coisas. Na minha opinião este conto pode até ser tirado de factos reais. Ou seja, houve brancos com boas intenções que estiveram em África porque eram obrigados a acompanhar os seus familiares como esta princesa. E quando comparamos com a história da mulher do Romão Pinto na Terra Sonâmbula, é uma situação muito semelhante à da Nádia. Ela só estava ali devido às ambições pessoais do marido que tinha a terra, ela acolheu a Farida que não tinha onde ir. A única diferença é o facto de que no segundo conto Mia Couto insere um pouco de surrealismo. Como quando o fantasma do Romão volta na casa e fala com o Quintino (um criado como o Fortin no outro conto) e vê que as suas coisas não estavam ali e disse: “ *sacanas dos pretos gamaram-me os sapatos*¹¹. ”

A oralidade é o ponto mais marcante quando falamos da cultura moçambicana, como já dissemos, a escrita foi implementada através da ocupação por Portugal. A África em geral tem uma sociedade de tradição oral. A transmissão do conhecimento sempre foi através de uma comunicação verbal ao longo dos séculos. E o conteúdo que estava a ser contado era em línguas locais por isso podemos dizer que Portugal desempenhou um papel secundário para expandir a cultura, a tradição dos nativos mas ao mesmo tempo estava a travar o desenvolvimento destas mesmas línguas. O mesmo fenómeno aplica-se nos países africanos de línguas oficiais inglesas, francesas. Esta transmissão do saber era feita através dos contos e havia dois tipos de contos:

- contos com funções educativas, morais;
- contos que tinham como objetivo distrair.

¹¹ Mia Couto (p.237 in *Terra Sonâmbula*)

Os últimos são narrados durante as cerimónias de casamento e permitem criar uma atmosfera festiva. No entanto hoje em dia a situação é diferente. Os avós já não vivem com os netos, e só transmitem os seus saberes de vez em quando. E actualmente poucos são aqueles que podem ainda dar uma versão completa de um conto. Podemos afirmar que as versões longas com muitos detalhes desaparecem ao mesmo tempo que os indivíduos que têm mais memória. Quando lemos Mia Couto, sobretudo a obra *Terra Sonâmbula*, destacamos inovações lexicais, o português que ele pratica está cheio de palavras locais (que pertencem à variedade moçambicana como por exemplo machimbombo, estórias,...) e de neologismos que são também da criação pessoal do autor. Não só nesta obra em particular, mas também no romance Estórias Abensonhadas ou Cada Homem é uma Raça voltamos a ter no fundo quase os mesmos tópicos. De uma forma ou outra o autor aborda uma realidade africana com um pouco de mágico através dos contos onde muitas vezes não existe um final feliz..

As personagens, ou para ser mais específico, os protagonistas do romance, tiveram o papel de transmitir o seu sofrimento ao leitor mesmo que este último seja estrangeiro ao tema principal: guerra civil.

Quando começamos a ler estas duas obras de Mia Couto, vemos que temos à nossa frente narrativas ligadas ao passado, às vivências de um povo que ainda procura a sua identidade. O que nos pode fascinar ainda mais é o facto de o autor colocar nas sua escrita sequências de irreal, do mágico, e esta incorporação não altera a nossa percepção das histórias contadas. Ou seja, ele pode por exemplo referir um fantasma que fala com outros personagens mas que na mesma é irreal e ao mesmo tempo vivências do mesmo podem ser tirados de factos reais (um emigrado português que vive com a sua mulher em busca de uma vida melhor). Ao lermos as suas obras parece que somos testemunhas de toda a história colonial de Moçambique.

Podemos concluir que nas zonas isoladas (rurais), os contos tradicionais são contados na sua versão original, mas o seu conteúdo não representa aqueles que transmitem estas mesmas histórias em línguas oficiais. De facto os escritores

desempenham papéis de tradutores na minha opinião, e cada vez que este fenómeno ocorre temos obrigatoriamente alterações que por suas vezes levam a perda da originalidade dos contos. As raízes dos contos estão muitas vezes em línguas locais e, por isso, os escritores devem entrar em contacto com estas pessoas, uma missão que pode revelar algumas dificuldades às vezes. Uma vez a investigação feita o autor traduz o texto melhorando alguns aspectos para poder alcançar um público maior. Hoje em dia até as crianças que vivem nas maiores cidades africanas têm a possibilidade de aprender o modo de vida tradicional dos seus antepassados nas escolas e podem desenvolver a sua imaginação. Os contos de maneira geral pertencem ao património da humanidade, ajudam na construção do presente e fazem grande parte da nossa memória.

Para concluir, sobre a especificidade da escrita de muitos autores africanos, sobretudo no período da descolonização, temos de referir o facto de que as culturas africanas, sendo mais ligadas à oralidade, os seus escritores deixam esta marca nas suas letras, e se preocupam essencialmente com relações entre a lucidez e a oralidade e a realidade. Isto é: relações sociais que ajudam as obras a se tornarem válidas e ao mesmo tempo integrando-se nos esforços da sociedade africana para acabar com a colonização no continente e voltar a ter a autêntica cultura e dignidade negras. E o conto não só em Moçambique mas em toda África ocupa um lugar muito importante. Enquanto muitos dos autores da África francófona usaram os contos para valorizar mais o estatuto do passado (civilização) negra, em Couto a sua vivência fez-se de tal maneira que os seus contos apesar de serem considerados realismo mágico, abordam mais a recente história triste de Moçambique, os problemas actuais da sua sociedade.

A identidade africana de maneira geral não tem uma definição única. Desde a conferência de Berlim em 1884 até à queda do muro da mesma cidade, todas as ocorrências entre Europa e África tiveram consequências ainda visíveis na vida das pessoas. A conquista, a pacificação, a colonização, por fim as independências, todas estas etapas que se seguiram só explicam que os impérios europeus estavam a dominar e explorar o continente a todos os níveis e que o sistema (educação, política) que agora é usado pode ser considerado cópia do modelo ocidental. Por isso, muitos dos

autores mesmo falando línguas diferentes tiveram semelhanças nos conteúdos ou nas mensagens que queriam deixar. Sous le soleil des Independances de Hamadou Kourouma é uma das obras que podemos usar aqui devido ao facto de que foca mais sobre o processo da descolonização. Mesmo que seja uma obra escrita muito antes da Terra Sonâmbula, existem pontos comuns entre as duas obras. Esta obra fala sobre a vida pessoal de Fama, um dos últimos descendentes dos Doumbuya, família que teve imenso respeito na população local antes da chegada dos brancos e manteve mais ou menos aquele estatuto porque representava sempre o modo de mandar no período pré-colonial. Resumindo esta obra, o seu país estavam em crise na altura em que a África pedia a independência e entrava em luta com grandes potências europeias. A personagem principal é o Fama Doumbouya, da etnia Dioula da República Costa das Ebenes. Estava a morar na cidade, longe das terras dos seus antepassados com a sua mulher Salimata que infelizmente não lhe podia dar filhos porque tinha sido estuprada por um Tiécoura, um velho feiticeiro. Quando Fama soube da morte do seu primo Lacina em Horodougou, ele teve de ir porque devia suceder ao defunto no lugar do chefe tradicional daquela zona. Quando ele chegou ao seu destino viu que as coisas mudaram, as pessoas estavam quase todas idosas, o seu primo lhe tinha deixado quatro mulheres para herdar, uma das quais era a bonita jovem Mariam que lhe podia dar finalmente um filho que asseguraria a continuação da dinastia dos Doumbouyas. Só que o governo da altura num país recentemente independente ordenou a prisão do Fama porque pensava que ele era um revolucionário e estava a chamar para um possível golpe de Estado. O livro aborda este tema de escolha entre o modo de vida tradicional onde a personagem principal era considerada como um verdadeiro rei, tinha quatro mulheres que obedeciam e na cidade onde ele tinha a sua única mulher que o esperava. Uma das semelhanças que encontramos nas duas obras é a ocorrência pós-colonial porque no primeiro romance a propaganda que se fazia ouvir era que uma vez a independência adquirida a população estaria livre, mais feliz, mais rica, uma qualidade de vida melhor do que antes, mas isso não passava de um sonho e sabemos que os contos na Terra Sonâmbula estão sempre ligados à guerra civil que começou logo a seguir à independência moçambicana de Portugal.

Ao longo desta obra podemos ver o destaque do sonho quando a mulher sonha sobre o que lhe tinha acontecido quando era mais nova e que às vezes sonhava que o marido lhe queria fazer mal ou quando o curandeiro do Fama chamado de Balla na sua terra tradicional sonha sobre o futuro do seu chefe e o aconselha a ir dormir numa outra casa devido à interpretação que os seus feitiços deram.

Tal como na obra de Couto onde a personagem de Farida foi estuprada enquanto dormia, é a mesma coisa que acontece aqui também com a personagem de Salimata. Apesar do desejo de viver a sua feminilidade, as lembranças da sua experiência horrível a impedem de viver normalmente até mesmo com o marido. Sous le soleil des Indépendances, o autor mostra uma África onde a magia e os feitiços convivem numa forma de violência conduzida pelos abusos de poder e de autoridade dos seus dirigentes. É uma obra que tal como a de Couto critica os regimes políticos pós-coloniais, denunciando a condição da mulher em África, a falta de abertura política mas sobretudo a falta da liberdade humana.

Os contos na obra de Mia Couto não são só exercícios de expressão cuja finalidade seria mostrar o seu domínio da língua; eles podem ter uma dimensão sociocrítica. O facto de consagrar a guerra civil como tema no romance Terra Sonâmbula deve-se também à sua experiência como jovem das duas guerras. Lembramos que só dois anos separaram a guerra da independência e a guerra civil, sendo que a segunda fez mais danos. A memória colectiva da sociedade ficou mais marcada. Todas as histórias contadas no livro estão ligadas a esta vivência da sociedade. Os contos fazem parte das soluções pelo menos para reunificar este povo completamente perdido, dividido. Tendo em conta que Moçambique é um país onde a oralidade domina a escrita, o escritor tenta sempre ser fiel à imaginação às vezes considerada irreal pelo leitor estrangeiro dos contos orais e traduzindo as histórias, ele está permitindo não só fazer ouvir a voz daqueles que vivem nos campos por exemplo mas também promover esta variedade do português moçambicano como muitas palavras de origem nas línguas locais. Como disse Mia Couto em relação ao uso da

oralidade: « *estou num constante conflito : respeitar a oralidade, recriando-a para transformá-la em literatura. Para ser tradutor desta realidade oral, tenho de inventar uma nova língua como por definição ela não exista na escrita. Sou muito lido em Moçambique, mas não sei se os meus leitores leem na verdade o que escrevo, ou inventam eles mesmos uma outra história. Faço a mesma pergunta aos meus leitores ocidentais.* »¹²

¹² <https://www.telerama.fr/livre/mia-couto-veut-respecter-l-oralite-tout-en-la-recreant-pour-en-faire-de-la-litterature,128866.php> (acesso em 21-11-2019) (Traduções nossas)

A análise da escrita de Couto e o destaque do sonho em *Terra Sonâmbula*

Desde os tempos mais recuados, os homens acreditaram na profecia dos sonhos. Em África, podemos dizer que ainda nada mudou sobre esta maneira de ver as coisas e de pensar. Os sonhos são muito respeitados sobretudo pela primeira geração que não está muita afectada pela globalização. O sonho desempenha um papel muito importante nas culturas africanas e muitas vezes quando são os mais velhos que contam os seus sonhos estes podem ser considerados como sinais de forças sobrenaturais que tentam prever os futuros acontecimentos nas sociedades ou as desgraças que estarão a chegar.

Fico ainda mais impressionado pelo autor quando pensamos no facto de que ele é um homem branco urbano que, para além de relatar o dia-a-dia desta sociedade moçambicana pós-colonial e em plena guerra, também foca culturas, costumes que não têm nada a ver com as realidades das cidades. Os sonhos das personagens são todos interpretáveis, estão muito ligados à realidade social do país. Eles vivem entre a lucidez e o sonho. Alguns autores consideram os textos de Couto como realismo mágico porque são vários aspectos opostos que ele estabelece na sua escrita nomeadamente entre o presente modo de vida social dos moçambicanos e sua imaginação tradicional, a influência do ocidente na história africana, moçambicana em particular. Nas obras que vimos do autor, o natural e o sobrenatural andam juntos. Mesmo nos sonhos das personagens esta relação entre o mágico e o real é banalizada pela personagens. Do meu ponto de vista esta maneira de ver do autor está muito influenciada pela visão imaginária tradicional do seu povo. A sociedade moçambicana acredita muito no mito. Nas coisas que ela não entende. De facto, ainda hoje

existem práticas com consequências negativas na vida das pessoas mas que ainda são praticadas devido a esta forte conexão com o mundo místico.

Na sua outra obra *Estórias Abensonhadas* ilustra bem as práticas tradicionais quando tomamos o exemplo do conto “Esteira do Parto”. Este conto fala sobre o facto de que se o parto levar muito tempo isso quer dizer que a mulher grávida cometeu uma traição com outro homem e que ela terá de confessar o seu pecado senão a criança não aceitará sair. Hoje em dia, até para um leitor urbano moçambicano, este tipo de estória pode lhe parecer irreal porque não está muito familiarizado com o modo de vida tradicional, mas podem ocorrer em zonas rurais onde as pessoas são mais desligadas da modernidade.

Mia Couto enfatiza muito o sonho ao longo da obra. Mesmo no título do livro destacamos a palavra “sonâmbula” (pessoa que se movimenta ou fala enquanto dorme)¹³. E aqui, a terra (estrada) moçambicana é como uma verdadeira personagem devido ao facto de que ajuda os sobreviventes a ter esperança e ao mesmo tempo a lidar com a morte muito provável que estará a chegar perto; ela constitui uma referência temporal da opressão, da morte. Nos cadernos que Muidinga lê no início falando da vida familiar do Kindzu é como se houvesse um resgate de crenças e valores. O narrador remonta à origem do seu pai Taímo e até seu nome próprio Kinzdu tem a ver com a palmeira já que o seu pai produzia muito vinho de palmeira. Ele teve de parar por causa da repressão dos polícias coloniais chamados de “sipaios” que quer dizer polícia negro durante aquele tempo. Ora Taimo sempre viveu da produção de vinho chamado de “Sura”, também passou a beber muito e até a dormir na rua porque só sabia fazer isso e sonhar.

A estrada ajuda a diminuir o medo das pessoas para com a morte como quando Tuahir diz: “ *Quem vive do medo precisa um mundo pequeno, um mundo que pode controlar*”¹⁴. O que ele tenta explicar é que nós (seres humanos) quando estamos lidando com o medo, chega a um certo momento a pessoa já não tem medo nada, não nos

¹³ <http://dicionario.priberam.org/sonâmbula> (acesso em 20-11-2019)

¹⁴ Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p.104

importamos de todos os perigos que corremos. As pessoas civis durante a guerra civil já estavam acostumadas à violência e o sonho era uma das poucas coisas que os motivava a sobreviver.

Mia Couto destaca a estrada logo no início:

*“A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância...vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo”*¹⁵

É também importante a viagem ao longo do romance através da vida no dia-a-dia das personagens ou dos seus sonhos. Na obra, os sonhos dos principais personagens fazem evoluir as “estórias” e transformam os seus destinos. Os sonhos do pai do Kindzu levaram a que o Junito ficasse a viver com animais domésticos. E os sonhos de Kinzdu, frequentes, com o fantasma “xicopo” do seu pai que o persegue fazem de tal maneira que ele começa uma aventura. Ele vai consultar os “feiticeiros” que dir-lhe-ão que o caminho para escapar do fantasma terá que ser o mar porque ali ele não deixa rasto atrás. Ainda hoje em dia é muito frequente nas culturas africanas em geral ver a influência dos curandeiros. Eles ainda ordenam sacrifícios, raptos etc. Podemos notar também que a coisa contraditória nisso tudo é o facto de que são muitas vezes pessoas que acreditam em Deus que cometem mais este tipo de prática. O autor quer demonstrar através de Kindzu que estas práticas estarão em causa. Através de seus diários podemos dizer que devido ao ambiente da guerra no qual ele está inserido, Kindzu já não confia nos valores, nas crenças que lhe foram transmitidos pelo seu pai ou outras pessoas idosas. Quando nos colocamos na sua posição pensamos da mesma forma. Ele tinha relações óptimas com o pastor Afonso (homem de Deus) mas este último foi morto na própria igreja sem nenhuma ajuda, os feiticeiros davam a pensar que tinha poderes ilimitados mas não faziam nada sobre uma guerra rigorosa que durava mais de uma década.

Voltando à guerra civil moçambicana, sabemos que através de grande número de vítimas e de deslocados há uma destruição do núcleo familiar porque os sobreviventes eram maioritariamente idosos, mulheres e crianças muito

¹⁵ Mia Couto, Terra Sonâmbula p.2

novos (não podiam lutar com armas pesadas). No livro Cada homem é uma raça, podemos referir o conto que se baseia também no sonho que vamos interpretar: “O Embondeiro que sonhava pássaros”.

As duas principais coisas que devemos destacar aqui são a árvore e os pássaros. O embondeiro é uma árvore muito popular em África, e no meu país (Senegal) é emblema nacional e dura séculos enquanto os pássaros são símbolo da paz. Neste conto temos o sonho do pequeno Tiago, filho de um colono. No seu sonho, é um nativo negro que vendia pássaros no bairro dos portugueses e com a alegria de todas as crianças.

Apesar das ameaças, ele nunca fugiu e não abandonou o embondeiro que era a sua casa. Aqui, na minha opinião, temos a cultura moçambicana que é representada através da árvore, o facto de que é de grande tamanho e que pode ter mais de três séculos de vida. E os pássaros seriam como as pessoas que buscam refúgio na sua cultura para sobreviver.

Mia Couto dá muita importância a este núcleo familiar, mesmo na sua obra Cada homem é uma raça, no segundo conto: “*o apocalipse privado do tio Geguê*” que, resumindo, relata o dia-a-dia de um tio com o seu sobrinho que também não conhece os seus pais. E houve um dia em que ele disse que “*a melhor família, qual é? São os desconhecidos paredes dos estranhos.*

Só esses valem. Com os outros intra-familiares nascemos já com dívida”¹⁶. Isto é, do meu ponto de vista, nós não queremos saber de um estranho enquanto com um familiar qualquer temos o dever de o ajudar independentemente da nossa situação. Ao longo do conto, o tio é visto como a razão da existência do rapaz, no início inventando missões porque queria ter esperança. No entanto, devido à guerra, ele vai acabar por destruir a própria família, mandando raptar a sua sobrinha e a única mulher que o seu sobrinho ama (e ela o lembra do sonho que teve com a sua mãe),

¹⁶Mia Couto, Cada homem é uma raça (“*o apocalipse privado do tio Geguê*” p.35

cometendo crimes leves no início e até levando o sobrinho a ser uma pessoa sem remorsos, cheio de maldades. E disse ao rapaz: “*não há bons neste mundo, há só maldosos com preguiça*¹⁷”.

Tendo em conta que o conto é narrado em plena guerra, o que o autor queria transmitir aqui na minha opinião é que mesmo que tenhamos sonhos, esperança, e até bom coração, tudo isso pode mudar devido à adaptação que o ser humano faz com o ambiente em que vive. Trata-se neste caso do tio, que de início só cuidava do sobrinho, mas devido à situação em que vive começou a fazer coisas erradas. E as violências cometidas entre qualquer grupo étnico fazem vítimas, órfãos.

Voltando a Terra Sonâmbula, o Kindzu é um bom exemplo disso. Antes de perder os seus irmãos, a sua família tentava se tornar invisível, não podia dar nas vistas. Isto é, demonstrar qualquer tipo de posição ou opinião política meteria em causa as suas vidas. É o tipo de vida que milhares de pessoas estavam a enfrentar durante todo este tempo. No entanto, esta estratégia não salva a sua família das consequências de uma guerra. Ele tenderá a abandonar a sua terra porque já não conseguia viver sozinho com a mãe e estava também pronto para se tornar um Naparama (guerreiro lendário). Durante essa aventura, o nosso protagonista narra chegar ao barco onde está uma mulher formosa chamada Farida que referimos antes.

Depois de uma breve apresentação, ela conta a sua história pessoal e como quer recuperar o seu filho Gaspar; no entanto, não está depois a voltar para a terra, ela quer permanecer dentro do barco, até começa a delirar dizendo que não tem filho. Depois de algum tempo, Kindzu promete voltar a Matimati, pedir informações e procurar o Gaspar. Na minha leitura do livro, associei em primeiro lugar o Junhito ao Muidinga porque logo no início dos cadernos de Kindzu ele fala do desaparecimento do seu irmão mais novo. Como Muidinga também não se lembra do seu passado, ele poderia ser o irmão do dono dos textos que ele estaria a ler. No entanto, quando descobrimos o Gaspar, qualquer

¹⁷ Mia Couto, *Cada homem é uma raça*, “*o apocalipse privado do tio Geguê*” p.38

leitor pensaria que seria ele o Muidinga. Devido ao facto de que ele consegue ler é ainda muito novo e não sabe nada do passado. Mia Couto tenta transmitir o desejo de limpar as lembranças da guerra sobretudo dos mais novos (meninos soldados). Lembramos uma entrevista¹⁸ feita pelos enviados especiais do canal espanhol TVE a alguns rapazes usados como soldados ao lado da RENAMO. A entrevista teve lugar em 1996, ou seja, quatro anos depois da publicação deste livro, e revela que a maioria das crianças diziam não se lembrar de nada nos seus tempos como soldados. Talvez estivessem a sofrer ou talvez tivessem medo das repercussões se dissessem coisas que não deviam.

De volta a Matimati, Kindzu narra nos seus cadernos encontrar pessoas que lhe eram familiares como o Surandra, Antoninho, Assane e até pensa ver o seu irmão Junhito num galinheiro. Descobriu que a gémea de Farida ainda estava viva. No campo de refugiados acompanhado por Quintinho, um bêbedo de Matimati, ele fala com a tia da Farida para que ela o ajudasse a encontrar o Gaspar. Mesmo nesta parte o autor destaca o papel de uma idosa nestas circunstâncias quando o papel da velhas é posto em causa porque podiam ser considerados como um fardo.

É por causa disso que a tia da Farida mesmo sem força e sem comida não gostava que alguém lamentasse a sua situação no campo ou a ajudasse nos trabalhos. As narrativas acabam no último caderno do Kindzu com o título “As páginas da Terra”. Mesmo antes de morrer o nosso protagonista encontra o rapaz Gaspar mas não conseguiu falar com ele porque como ele disse: *“de repente a minha cabeça estala em surdo baque....Fios de sangue se desalinhavam num fundo de luz muitíssimo branca....”*¹⁹

Essa narrativa romanesca da Terra sonâmbula é montada por suas linhas de acção dramática. As personagens estão sempre à procura de se afastar a terra, a aventurar-se.

¹⁸ Fonte da entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=EP64jfcC7oA&t=557s> (acesso :04-11-2019)

¹⁹ Mia Couto, Terra Sonâmbula p.204

Na obra *Cada homem é uma raça*, no conto “Mulher de mim”, temos uma passagem em que o autor diz: “*neste custo, acordar não é a simples passagem do sono para a vigília: é mais um lentíssimo envelhecimento, cada despertar somando o cansaço da inteira humanidade. E conclui a vida, ela toda, é um extenso nascimento*”²⁰

Na passagem, quando pensamos bem, literalmente cada dia que acordamos ficamos mais velhos, no entanto essa ideia quase nunca nos vem à cabeça porque na minha opinião quando o autor disse que estamos sempre a nascer, é o facto de que cada dia que acordamos estamos mais focados sobre as coisas que vamos fazer e não nas que já fizemos no dia anterior. Neste conto, a lição moral que podemos tirar, do meu ponto de vista, é o facto de que na vida real não devemos ter sempre preconceitos para com as coisas ou as pessoas que nos estão próximas. E que o papel principal de uma mulher é de facto completar o homem. Dai, temos o provérbio moçambicano dado por Couto no início do conto “o homem é machado, a mulher é a enxada”.

A personagem que sonha com a mulher pensava que ela vinha para a levar e dizia-se que já lhe tinham dito para resistir, não cair na ratoeira desta mulher uma vez que ela quer seduzi-lo. Mas afinal ela vinha buscar um refúgio ao seu lado e não levá-lo para o outro mundo. Podemos notar na escrita do autor este uso paralelo entre coisas opostas através das personagens como por exemplo a relação entre os mais velhos e os mais novos, a relação activa entre os mortos e os vivos, entre a cidade e o mundo rural, entre a tristeza e a felicidade, e entre o antigo e o novo. Ao longo das duas obras, a escrita de Mia Couto destaca-se com os provérbios africanos, as metáforas e expressões idiomáticas; temos aqui alguns que nos chamam atenção:

“*A morte, afinal, é uma corda que nos amarra as veias. O nó está lá desde que nascemos*»²¹ou seja, não podemos escapar-lhe.

²⁰ Mia Couto, *Cada homem é uma raça* p.119

²¹ Id., p.122

“A miséria se cura com farturas de vaneio”²²

“ se um dia se casar, Muidinga, escolha uma mulher feiona, dessas que os outros nunca invejam ”

“A gente vai chegando à morte como um rio desencorpora no mar: uma parte está nascendo e, simultânea, a outra já se assombra no sem-fim”

E o autor nos deixa alguns jogos de palavras na mesma obra *Terra Sonâmbula*:

“A fome quando ferra nos faz feras²³”

“no sossego, sou cego, na timaca não vejo”

“Idos os próximos, irados os distantes”

Todas estas citações tiradas da obra Terra Sonâmbula mostram a particularidade da escrita do autor. Ao ler os contos ou as “estórias”, a imaginação do autor não é a única coisa que nos impressiona mas também todos os seus jogos de palavras, provérbios inseridos no meio dos capítulos ou no início dos seus contos.

Do meu ponto de vista, o autor quer destacar a importância da vida colectiva para a construção ou reconstrução neste caso de uma nação afundada. Ao longo do livro, chama a atenção para que haja uma mudança quer positiva ou negativa, é preciso uma acção colectiva, mas também para uma vida social em que é preciso umas normas mínimas que terão que ser respeitadas. O exemplo disso é retratado através da guerra. A guerra começou porque os mais básicos dos direitos humanos estavam a ser ignorados. Por uma decisão política mais de quinhentas mil pessoas têm

²² Id., p.99

²³ Id., p.37

que morrer e a parte de responsabilidade deve ser partilhada neste crime segundo a minha opinião. Apesar do facto de que os moçambicanos estavam a matar-se entre eles, as armas eram construídas fora do país e o material militar vinha sempre de fora.

Dentro da obra existe um forte uso das línguas ou dialectos de Moçambique que nos chamam a atenção para além das citações que vimos anteriormente. Como é o caso destes aqui:

“ quem não tem amigos e que viaja sem bagagem ”²⁴ ;

“Você sabe: em terra de cego quem tem olho fica sem ele”²⁵

No conto “a princesa russa” há muitos provérbios que acho interessante mostrar aqui:

“Um malandro não corta o cabelo de outro malandro”²⁶

“tão cedo havia, tão cedo ardia”²⁷

“mas conforme dizem os mais velhos: não corras atrás da galinhas já com o sal na mão”²⁸.

Existe o uso do irreal e de um mundo de fantasia, como por exemplo quando Kindzu narra que o seu irmão se tornou uma galinha pelo facto de ele ser levado a viver lá. E também quando ele disse que no barco houve um anão “*TCHOTP*” que caiu do céu e que o perseguia sempre. Este mundo de fantasia reaparece no fim da obra através do fantasma do Romão Pinto que anda a conversar com os seus empregados tendo o seu próprio caixão em cima da

²⁴ Id., p. 34

²⁵ Id., p. 130

²⁶ Id., p. 42

²⁷ Id., p. 40

²⁸ Id., p. 72

cabeça.

- O outro aspecto que achei muito relevante é o uso de jogos de palavras às vezes que rimam:

*“ uma velha corunda, esbafunda ”*²⁹

o que já está queimado não volta a arder”; *no sossego, sou cego ; na timaca não vejo ”*³⁰

(timaca: confusão)³¹

*“o Quintinho torpegava, tropeçava, tromalhava”*³²

- e por fim o último aspeto deste romance que também é importante é a ironia, o uso do eufemismo e de uma linguagem muito informal através do exemplo do fantasma do Romão Pinto.

Quando Tuahir disse ao Muidinga: *“ se um dia casar-se, Muidinga, escolha mulher feiona, dessas que os outros não querem*

*“este gajo não bate sem...chuto o baniane no rabo ”*³³

*“sacanas de pretos, gamaram-me os sapatos ”*³⁴

²⁹ Id., p. 102

³⁰ Id., p. 29

³¹ Português de Moçambique

³² Id., p. 141

³³ Id., p. 113

³⁴ Id., p. 145

Quando vemos a adaptação cinematográfica do filme que saiu em 2007, as falas ficaram fiéis ao livro, e está quase tudo igual no romance. Só dois personagens que eu acho foram esquecidos no filme como por exemplo o pai do Kindzu (Taímo), e o Romão Pinto, marido da Virgínia.

Também do meu ponto de vista podia-se continuar um outro capítulo do livro sobre Muidinga para fechar o romance tendo em conta que tudo começou com ele e o velho Tuahir.

Para concluir com estas expressões que vimos em cima, podemos dizer que a especialidade da escrita do autor reside também no uso destes provérbios, expressões idiomáticas, metáforas, que são melhor entendidas pelo leitor africano ou que podem ser interpretadas de maneira diferente. O outro aspecto que o autor destaca nos dois livros é o facto de dar importância ao papel da comunidade, à família sobretudo. Aqui o termo família não quer dizer só pais directos, primos ou irmãos de sangue. Pode ser primos indirectos, tios, amigos de um parente.... Quer seja nos contos da obra Cada homem é uma raça quer nas histórias na Terra sonâmbula, o núcleo familiar desempenha um papel muito importante na continuação da história. Os protagonistas (personagens) estão sempre muito afectados pelos seus membros de família. Esta tendência, em que é de valorizar “o nosso dever” para com todas as pessoas que pertencem à nossa família, está a diminuir sobretudo nas grandes cidades não só de Moçambique mas também de muitos países de África, devido ao elevado custo da vida urbana. Mas algumas práticas nas comunidades mais recuadas ainda explicam a manutenção desta tendência.

Considerando os diferentes pontos e exemplos que vimos em cima, podemos dizer que as duas obras de Mia Couto que referimos têm muitas coisas em comum.

Não só é o facto de que nos dois livros há contos, e que a escrita tem a particularidade de neologismo do autor e a presença de dialectos e uma variedade de português, mas também é o facto de que as histórias contadas, os temas abordados, pertencem à sociedade moçambicana.

Mia Couto, através dos contos nos leva a conhecer melhor a sua cultura, também a sua história, mas sobretudo a sua identidade. Esta identidade se constrói ao longo do tempo e o processo de socialização ajuda esta construção da identidade. Como exemplo podemos tomar a educação, o facto de que há 60 anos a taxa de pessoas que não sabiam ler e escrever em Moçambique ultrapassava os 90% e que agora é diferente explica-se pelo processo desta socialização. De facto, há cada vez mais pessoas a migrar para as cidades e quando chegam elas têm de adaptar-se à vida urbana que podemos dizer está presente em África através da colonização ou para ser menos desprezível tem a semelhança do modelo ocidental da cidade. Temos de notar que a diversidade cultural é conjunto das vivências e das conquistas humanas. Mas esta pluralidade cultural pode ter pontos negativos numa nação quando não há coesão. Aqui, como foi visto no início deste trabalho, Moçambique apesar de ser um país com uma diversidade étnica e cultural muito variada passou por uma década de “Apocalipse” (guerra civil entre 1974 até 1992). Este tipo de conflito era muitas vezes provocado num país quando existe uma relação de dominação em que alguns grupos sociais, étnicos ou de processo querem acumular ou quando acumulam bens materiais, saberes, prestígio e poder e ao mesmo tempo estão travando o acesso dos outros a essas riquezas. O autor denuncia esta falta de visão política por parte dos líderes, neste caso moçambicanos, onde a diversidade poderia ser aproveitada como um bem.

Numa entrevista dada ao jornal francês Actualité, Mia Couto afirma que “*Moçambique é um país que procura ser uma nação, mas colide com uma grande diversidade*”. No seu ponto de vista, um dos principais erros ocorreu durante

o ano da independência em 1975, onde foi construído este novo Estado baseado no modelo europeu de Estado único centralizado.³⁵

Ao analisamos esta afirmação, só podemos concordar com o autor. A delimitação das fronteiras em todo o continente só foi feita para defender os interesses das grandes potências da Europa, nunca foram pensadas as repercussões que esta divisão podia provocar no futuro. Quando pensamos nas guerras civis que ocorreram recentemente em África a diferença étnica era um dos factores que as fomentava. Não quer dizer que antes da colonização não havia guerra em África, mas é um facto que milhares de pessoas morrem nestas guerras porque nasceram no lado errado da fronteira feita em 1884 na Alemanha, e devido às más decisões de seus líderes políticos que muitas vezes são formados para governar o novo Estado baseando-se do modelo europeu, como disse Couto na entrevista.

A guerra civil no Ruanda, em 1994, que fez mais de 1 milhão de vítimas, pode ser referida como exemplo destes conflitos entre etnias. Estes tipos de tensões ainda hoje existem em países como Mali, Congo etc...

Como foi visto no início do texto, a especificidade da literatura moçambicana é influenciada não só pela sua diversidade linguística, cultural, mas também pelo seu passado colonial. Os seus escritores abordam muitas vezes temas que têm a ver com a vivência, os costumes da sociedade. Nos dois livros que tratamos aqui, através dos contos e das histórias, Mia Couto se focou sobre as consequências de uma guerra civil, as dificuldades que o seu povo enfrentou durante décadas.

³⁵ <https://www.actualitte.com/article/monde-edition/mia-couto-le-mozambique-est-un-pays-qui-cherche-a-etre-une-nation/59130>
(acesso em 20-11-2019)

Conclusão

Moçambique é um país com a identidade ainda em construção. A escrita de Couto vai sempre ser específica devido à complexidade da sua sociedade porque tem culturas, línguas, etnias e costumes diferentes uns dos outros. Ao longo do trabalho abordámos o tema da identidade como era vista em Moçambique quando chegou a altura de denunciar a dominação portuguesa, também o ponto de vista de alguns autores africanos durante o período da descolonização e particularmente o de Mia Couto. Para além da identidade, vimos também a palavra “Sonho”, que aparece muito ao longo da obra porque parece a única coisa que permitia a sobrevivência das pessoas naquela época. De facto, depois da independência houve dois partidos políticos que tinham ideologias opostas, não conseguiram chegar a uma resolução pacífica devido ao facto de as influências e os interesses de potências exteriores o Ocidente e a (ex-URSS), o que levou a esta guerra civil sangrenta. Esta guerra civil que sofreu Moçambique teve efeitos devastadoras em todos os aspectos, as suas consequências foram inumeráveis e negativas. Dai que Mia Couto no seu romance visto ao longo deste trabalho, nos leve a pôr-nos no lugar das personagens que ilustram a coragem, o medo, a esperança que a sociedade moçambicana estava a enfrentar naquela altura. O romance Terra Sonâmbula é um livro muito rico, destaca a sociedade moçambicana logo a seguir à independência de Portugal. Graças às personagens como Kindzu, Muidinga, Tuahir, Farida, Gaspar e Surandra, percebemos melhor e imaginamos quer ao nível individual quer ao nível colectivo as diferentes estratégias de sobrevivência no período da guerra civil que durou dezasseis anos. Esta guerra reduziu uma parte enorme da população. Nesta obra podemos categorizar e enumerar várias coisas que coexistem entre elas: a vida e morte, porque os sobreviventes da guerra querem continuar vivos apesar das grandes dificuldades; a memória e o sonho, porque lembram-se de como era antes da guerra ou sonham como vai ser depois da guerra mas no entanto cada manhã eles farão face à realidade que é a matança, os mortos os gritos, o choro, os mais velhos e os mais novos; temos um exemplo concreto entre Muidinga e Tuahir que coexistiram e se complementaram ao longo da narrativa

(pessoas de diferentes gerações) e entre a tradição e a modernidade porque os Naparamas, que são guerreiros lendários da tradição moçambicana e que conseguem acabar com qualquer guerra deram um tipo de esperança aos mais novos que acreditavam nos costumes, nos contos dos mais velhos. Foi esse o motivo pelo qual o Kindzu saiu da sua casa. No entanto os outros valores ou princípios que a modernidade tenta trazer são como por exemplo reinventar a nação moçambicana como um país” independente” adaptando-se ao modo de vida da sua população. Vimos que durante e depois da colonização, a oralidade coexistiu com a escrita, e que a língua portuguesa tornou-se mais dominante ao longo das épocas apesar de o país ser independente. E para concluir sobre a identidade moçambicana podemos citar Mia Couto quando disse “*sou o resultado de contradições profundas: eu sou um cientista que escreve, um escritor numa sociedade oral, um branco num país africano*”³⁶. Referimos também as semelhanças entre as duas obras do autor que são: Terra Sonâmbula e Cada Homem é uma raça no que diz respeito aos temas dos contos que apresentam ou evocam.

³⁶<https://www.actualitte.com/article/monde-edition/mia-couto-le-mozambique-est-un-pays-qui-cherche-a-etre-une-nation/59130>
(acesso em 20-11-2019)

Webgrafia

<http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/Penetracao-Colonial> acesso

em 12- 11-2019

GOVERNO de Moçambique. *Portal do Governo de Moçambique*. <<http://www.portaldogoverno.gov.mz>>.

acesso em 17- 11-2019

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto acesso em 17- 11-2019

<https://www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU> acesso em 17- 11-2019)

<https://www.rhinoafrica.com/pt/mocambique/historia-de-mocambique> acesso em 17- 11-2019

COELHO, João Paulo Borges. *A “literatura quantitativa” e a interpretação do conflito armado em Moçambique*.

In <www.ces.uc.pt/estilhacos_do_imperio/comprometidos>.

<https://colegiomoz.blogspot.com/2017/12/guerra-civil-mocambicana-1977-1992.html> acesso em 12- 11-2019

<http://diakadi.com/afriqueaustrale/Pays/mozambique/infos/hist.htm#1> acesso em 12- 11-2019

<https://www.telerama.fr/livre/mia-couto-veut-respecter-l-oralite-tout-en-la-recreant-pour-en-faire-de-la->

[litterature,128866.php](https://www.telerama.fr/livre/mia-couto-veut-respecter-l-oralite-tout-en-la-recreant-pour-en-faire-de-la-litterature,128866.php) acesso em 17- 11-2019)

<https://www.actualitte.com/article/monde-edition/mia-couto-le-mozambique-est-un-pays-qui-cherche-a-etre-une-nation/59130> acesso em 17- 11-2019

<https://journals.openedition.org/cea/1415> acesso em 17- 11-2019

<https://www.actualitte.com/article/monde-edition/mia-couto-le-mozambique-est-un-pays-qui-cherche-a-etre-une-nation/59130> acesso em 20-11-2019

<https://www.telarama.fr/livre/mia-couto-veut-respecter-l-oralite-tout-en-la-recreant-pour-en-faire-de-la-litterature,128866.php> acesso em 21-11-2019

Mia Couto o projecto literário patrocinado pela Rolex https://www.lepoint.fr/culture/mozambique-mia-couto-l-histoire-est-pleine-de-mensonges-et-d-oublis-page-2-18-06-2017-2136177_3.php acesso em 20-11-2019

Bibliografia

AFONSO, Maria Fernanda. (2004). *O conto Moçambicano: Escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho

BACHELARD, Gaston. (1999 [1960]). *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF

BRUNSCHWIG, Henri. (1971) *Le Partage de L’Afrique Noire / A Partilha da África*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

COUTO, Mia (2013) “Quando o sonho encontra a palavra”. *JornalRascunho*, 153

DERRIDA, J. (1967) *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil

DIOP, B. (1947) *Contes d'Amadou Koumba*. Paris: Fasquelles

KOUROUMA, A. (1968) *Les Soleils des Indépendances* . Paris: Seuil

LARANJEIRA, Pires (1995). *Literaturas Africanas de Expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta

LARANJEIRA, Pires (1992). *De letra em riste - identidade: Autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo-Verde, Moçambique e S Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento.

LAYE, Camara (1954). *Le Regard du Roi*, Paris: Plon

ROBINSON, D.A. (2006) *Curse on the Land: A History of the Mozambican Civil War*. PhD dissertation at School of Humanities. The University of Western Australia

LEITE, Ana Mafalda (2003) *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Lisboa: Colibri

MATUSSE, Gilberto (1993) *A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*. Lisboa: Colibri

MORVAN, F. (1996) *Les Contes de Luzel, Contes Populaires de la Basse-Bretagne*, Tome I. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, Terre de Brume

MOURALIS, Bernard (1975/1982). *Les Contre-Littératures / As Contraliteraturas*. Coimbra: Almedina

TRIGO, Salvato (1994) “Literatura Colonial” in *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (Compilação com a coordenação de Manuel Ferreira). 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

SAUL, J. S. (ed). (1985) *A Difficult Road: The Transition to Socialism in Mozambique*. New York: Monthly Review Press

SAUL, J. S., (1999) “Inside from the Outside? The Roots and Resolution of Mozambique’s Un/Civil War”, in Taisier M. Ali and Robert O. Matthews (eds), *Civil Wars in Africa: Roots and Resolution*, (McGill-Queen’s University Press: Montreal

SENGHOR, (1977) Léopold S. *Liberté 3: Négritude et civilization de l’Univers, discours, conferences*. Paris: Seuil

SERRA, Carlos (Dir.) (1998) *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária – Universidade Eduardo Mondlane

VELAY-VALLANTIN, C. (1992) *L’histoire des contes*. Paris: Fayard.

VVAA. (1985) *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise. A la Recherche de l’Identité Individuelle et Nationale*. Actas do Colóquio Internacional. Paris

VIEIRA, Arménio (2009). *O poema, a viagem o sonho*. Lisboa: Caminho

Anexo

Breve biografia do autor

Mia Couto, pseudónimo de António Emílio Leite Couto nasceu a 5 de julho de 1955 em Moçambique, é um escritor e biólogo. Foi director da Agência da Informação de Moçambique, da revista Tempo e do jornal Notícias de Maputo.

Depois do 25 de Abril de 1974 começou a trabalhar na área do jornalismo para Tribuna até 1975.

Depois da independência, ele começou a dedicar-se mais à literatura.

Terra Sonâmbula (1ª ed. da Caminho em 1992; 8ª ed. em 2004; Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995; considerado por um júri na Feira Internacional do Zimbabwe um dos doze melhores livros africanos do século XX)

Alguns dos seus Prémios

- 1995 - Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos
- 1999 - Prémio Vergílio Ferreira, pelo conjunto da sua obra
- 2001 - Prémio Mário António, pelo livro "O último voo do flamingo"
- 2007 - Prémio União Latina de Literaturas Românicas
- 2007 - Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura, na Jornada Nacional de Literatura
- 2012 - Prémio Eduardo Lourenço 2012
- 2013 - Prémio Camões 2013
- 2014 - Neustadt International Prize for Literature